

UMA PERSPECTIVA FILOSÓFICA SOBRE A IDEIA DE ESPERANÇA EM TIMOR-LESTE

A PHILOSOPHICAL PERSPECTIVE ON THE IDEA OF HOPE IN TIMOR-LESTE

Nicolau Borromeu
David Martins

Professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL). Coordenador do grupo de investigação em Wittgenstein (FFCH/UNTL). Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Brasil. Centro de Estudos de Migração e Relações Interculturais da Universidade Aberta de Lisboa. Investigador Instituto de Estudos de Literatura e Tradições (IELT/FCHS-UNTL). Graduado em Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia e Teologia Dom Jaime Goulart – Fatumeta Díli, Timor-Leste.

Submetido: 09 de junho de 2022
Aceito: 30 de setembro de 2022
Publicado: 17 de novembro de 2022

UMA PERSPECTIVA FILOSÓFICA SOBRE A IDEIA DE ESPERANÇA EM TIMOR-LESTE

Nicolau Borromeu¹
David Martins²

Resumo: O objetivo deste artigo é refletir sobre a ideia de esperança no contexto timorense. Sabemos que esperança é um conceito abstrato que se manifesta de diferentes formas em cada espaço e tempo. Aqui iremos refletir, a partir de uma perspectiva filosófica, alguns dos possíveis significados da esperança em Timor-Leste – aliado aos conceitos de tempo e utopia –, onde o sonho da democracia e a esperança da independência constitui o passado, o processo de independência materializado em 1999 e a reconstrução do país constitui o presente, e a esperança de construir uma sociedade justa, fraterna, próspera e solidária configura a esperança utópica do futuro.

Palavras-chave: esperança; tempo; utopia.

A PHILOSOPHICAL PERSPECTIVE ON THE IDEA OF HOPE IN TIMOR-LESTE

Abstract: The aim of this article is to think about the idea of hope in the Timorese context. We know that hope is an abstract concept that manifests itself in different ways in each space and time. Here we will analyse, from a philosophical perspective, some of the possible meanings of hope in Timor-Leste – allied to the concepts of time and utopia –, where the dream of democracy and the hope of independence constitute the past, the process of independence, materialized in 1999 and the reconstruction of the country constitutes the present, and the hope of building a just, fraternal, prosperous and solidary society configures the utopian hope of the future.

Keywords: hope; time; utopia.

¹ Professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL). Coordenador do grupo de investigação em Wittgenstein (FFCH/UNTL). Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Brasil.

² Graduado em Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia e Teologia Dom Jaime Goulart – Fatumeta Díli, Timor-Leste.
<https://doi.org/10.53930/27892182.dialogos.7.33>

Embora Timor-Leste tenha uma longa história e uma cultura diversificada ele é um país com dimensões modestas e recente no contexto asiático. Ao olharmos a história timorense nos últimos séculos podemos perceber três momentos que denomino de descolonizar, democratizar e desenvolver. O descolonizar remete ao tempo da presença portuguesa, o democratizar remete ao período indonésio, por último, o desenvolver alude ao processo após a independência. Nestas três épocas Timor-Leste apresentou conflitos e dualidades, como por exemplo ser colonizado ou ser livre, ser invadido ou ser independente, sofrer ou ser feliz. Por meio destas situações contraditórias e angustiantes os timorenses mantiveram a esperança de alcançar a independência ou *Ukun-rasik'an*³.

Este trabalho pretende refletir sobre a ideia de esperança no contexto timorense. Sabemos que esperança é um conceito abstrato que se manifesta de diferentes formas em cada espaço e tempo. Aqui iremos refletir, a partir de uma perspectiva filosófica, alguns dos possíveis significados da esperança em Timor-Leste, aliado aos conceitos de tempo e utopia.

O termo esperança é um substantivo derivado do verbo esperar e que tem sua origem no latim *spes*. Conforme Abbagnano (2007, p. 354) a esperança teria dois significados, o primeiro seria “uma das emoções fundamentais” e o segundo seria uma das virtudes teologais. Portanto, esperança quer dizer uma emoção e uma virtude que leva o homem a ter confiança em algo positivo, pois originou do verbo *esperare*, que no português se tornou o esperar, compreendido como o ato de aguardar algo, ter esperança de algo.

No contexto filosófico, o termo esperança é um conceito abstrato, podemos dizer que é um conceito universal, pois, no sentido Tomasiانو a esperança é um ente lógico que diferencia com o ente real ou individual. Mas aquele ente lógico é realizado através do ente real, pois, “o universal não é real, porque somente o indivíduo que é real” (Reale e Antiseri, 2003. p. 216). No entanto, Guilherme de Ockham denominou-a nominalismo, porque, para

³ *Ukun-rasik'an* é um termo utilizado pelos povos timorenses que quer dizer lutar para ser independente, mas o conceito não coincide com a independência, pois *Ukun* é derivado da língua *Melayu Hukum* que quer dizer “governar ou dominar” e *rasik'an* é derivado da língua *Tetum Terik* de Timor, que quer dizer “a si próprio”.

ele “os universais são nomes, não uma realidade, nem algo com fundamento na realidade. A realidade, portanto, é essencialmente individual” (Reale e Antiseri, 2003, p. 300). Neste sentido, a esperança é compreendida como uma possibilidade que pode ser ou não ser uma coisa concreta. Por isso, a esperança deve ser conjugada com o tempo, pois a esperança é uma concepção que faz previsão ao tempo futuro alicerçado no tempo passado e presente.

Entretanto, no sentido agostiniano, não há o tempo passado ou futuro, mas apenas o presente, isto é a eternidade (Ayoub. 2003). Assim, “o presente do passado é a memória; o presente do presente, a visão; o presente do futuro, a espera” (Reale e Antiseri, 2003, p. 114). Neste caso, a esperança não está no passado, mas está no futuro alicerçado no presente. Assim, o futuro depende do presente, porque os que vivem no presente possuem a capacidade de relembrar o passado como memória, presente como visão e futuro como a esperança.

A ESPERANÇA UTÓPICA

No cenário filosófico a esperança possui um caráter utópico. Surgiu primeiramente na obra de Platão, enquanto tratou sobre a cidade ideal na sua obra *A República*. Benedito Nunes comentou que “A República tornou-se por obra dos humanistas, a venerável utopia, modelo da Amaurotas, de Thomas Morus, e da Cidade do Sol, de Campanella” (Nunes. 2000. p. 1). Neste sentido, Nunes quer salientar que a raiz da utopia está na obra de Platão com caráter humanizador, que no fim influenciou também os filósofos renascentistas.

De modo geral, a utopia tem dois sentidos distintos: primeiro pode ser uma coisa imaginada e sonhada mas não será realizada e, por outro lado, pode ser uma coisa imaginada e sonhada, podendo ser realizada e alcançada. Podemos ver como Platão argumentou na sua obra *A República* sobre a cidade ideal: “Precisaria, creio, habituar-se para contemplar o mundo superior” (Nunes, 2000, p. 321). Neste caso, o mundo, ou seja, a cidade de Platão é apenas contemplada. Aliás, o mundo que ainda não concretizou, porém é ideal. Mas, em seguida Platão põe-na na sua esperança de que “visto já se imaginarem na Ilha dos Bem-aventurados” (Nunes, 2003, p. 325). Neste

sentido, o mundo que Platão tratou é ideal, mas bem-aventurado, ou ainda, uma cidade organizada, bela e livre. Assim, possui um carácter humanizador como comentou Nunes, pois o mundo superior e a ilha do bem-aventurado invocou o desejo do homem a se procurar constantemente.

O tratado de Platão incentivou Thomas Morus a tratar sobre a utopia. O termo utopia – no prefácio escrito por João Almino para a edição de 2004 – foi definido como o “termo que, em grego, significa lugar nenhum” (Almino, 2004, p. IX). Neste caso, literalmente Almino quer levar-nos a entender o sentido do termo utopia, mas de maneira contrária, a utopia para Morus quer dizer “coisa que mais desejo do que espero” (Morus. 2004, p. XII). Isto se refere a Ilha de utopia, que tem um carácter semelhante como o definido por Platão. Por outro lado, segundo o relato de Rafael Hitlodeu – navegador português com quem Thomas Morus conversou junto com Peter Giles – “a Utopia é uma criação estrangeira, ou seja, originou-se com a conquista de um invasor, chamado Utopos, que deu nome ao novo país” (Almino, 2004, p. X). No entanto, a utopia têm mais dois sentidos contraditórios: a utopia dos povos indígenas e a utopia dos estrangeiros. Aliás a utopia pode ser interna e externa.

Em suma, as obras de Platão e Morus levam Campanella a tratar sobre A cidade do Sol. A Cidade do Sol significa uma cidade desejada que foi governada pelo Sol e acompanhada pelo Pon, Sin e Mor. Isto é Potência, Sapiência e Amor (Campanella, 2002, p. 20). Sobre esta cidade, Reale e Antiseri (2004, p. 120) afirmam que a “Cidade do sol representa assim a suma das aspirações de Campanella: dá voz a sua ânsia de reforma do mundo e de libertação dos males que o afligem”. No entanto, na concepção de Campanella, esta cidade tende à liberdade, à ordem, à harmonia, como também a cidade imaginada por Platão e Morus. Porque o próprio Campanella afirma “nasci para debelar três males extremos: tiranias, sofismas, hipocrisias, pelo que me conformo com toda a harmonia” (Reale e Antiseri, 2003, p. 125).

Em suma, a cidade ideal que os três filósofos trataram é uma coisa abstrata, uma possibilidade que tende ao bem-comum, à liberdade, à felicidade, à ordem do país. Assim, a esperança humana está lá situada como se fosse uma utopia suspensa. Desta maneira, o homem deve sonhar, desejar, lutar e esforçar-se para ali chegar como se fosse uma esperança concreta.

A ESPERANÇA CONCRETA

O filósofo alemão, Ernst Bloch, conjugou significativamente o sentido da utopia e esperança no seu livro *O Princípio Esperança*. Neste livro Bloch tratou o homem como um ser utópico manifestado na expressão de que o homem é uma realidade ainda não concluída e que se trata de ir transformando. Assim, construiu a sua filosofia de que pensar significa traspasar. Isto é uma filosofia de que o homem é um ser capaz de pôr os meios para a edificação de um mundo novo. Isto quer dizer, enquanto o homem vive na obscuridade de instante vivido ele deve ter sonho de uma vida melhor. Por isso, para Bloch a esperança é essencial, pois, “la esperanza es principio, porque el mundo aún no está concluso, porque los hombres estamos siempre en el camino y esperamos que lo mejor aún esté por llegar” (Bloch, 2004, p. 14). Assim, Bloch é um militante otimista, porque, o “presente siempre que la esperanza en el futuro no significa meramente confianza en él, sino trabajo en el sentido de la construcción de ese horizonte emancipador” (Bloch, 2004, pp. 14-15).

Portanto, Bloch trata a utopia concreta, pode se dizer que uma esperança concreta, referenciada ao sistema marxista. Mas, de acordo com Bloch, para chegar à essa utopia ou essa esperança concreta o homem deve ter o desejo e o sonho de chegar, porque:

No hay hombre que viva sin soñar despierto; de lo que se trata es de conocer cada vez más estos sueños, a fin de mantenerlos así dirigidos a su diana eficaz y certeramente”, ou seja, “el hombre que aspira a algo vive hacia el futuro; el pasado sólo viene después; y el auténtico presente casi todavía no existe en absoluto. El futuro contiene lo temido o lo esperado; según la intención humana, es decir, sin frustración, sólo contiene lo que es esperanza. (Bloch, 2004, p. 13).

No entanto, Bloch afirma que para chegar à essa esperança concreta o homem tem que ter “pequeños sueños diurnos”, que será manifestado como fundamento da vida, ou “la conciencia anticipadora” (Bloch, 2004, p. 26). Isto conduzirá para as “imágenes desiderativas en el espejo” (Bloch, 2004, p. 391), isto é a esperança concreta, que é manifestada e realizada no sistema marxista.

Conforme Vieira (2007, p. 2) “embora as utopias estejam presentes na vida do homem em todos os momentos, ela só se realiza plenamente no marxismo”.

Em suma, a utopia de Platão, Morus, Campanella e Bloch trata essencialmente sobre o bem-comum, o bem-estar, a liberdade humana e a ordem da pátria, que o homem sonha e deseja inquietamente de obter. Por isso, a utopia e a esperança tem carácter humanizador, que leva o homem a saber de que ele é um ser limitado, imperfeito, frágil, etc. Assim, todo o homem deve desejar, sonhar, a fim de lutar, esforçar e trabalhar para alcançar os seus anseios, porque “a esperança concreta só é realizada com a participação da classe trabalhadora, humanizando a própria sociedade”. Assim, a esperança não é uma espera passiva, mas se dá através de uma construção, onde o passado e o presente contribuem para o surgimento do novo; de outro, exige a participação de todos os homens, engajados no processo revolucionário.

DESCOLONIZAÇÃO, DEMOCRATIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE TIMOR-LESTE

Neste contexto, refletimos as características e as imagens da ilha de Timor-Leste em três períodos importantes, ou seja, a desocupação, a democratização e o desenvolvimento. Timor-Leste foi ocupado e colonizado por diferentes povos e que, após alguns milénios, passaram a ser considerados e a se considerar como a população “nativa”.

Por volta do ano de 1225 Timor foi denominado na China com o nome de *Chau-u-Kua* considerado como uma ilha repleta das várias riquezas, de modo especial o sândalo. Em seguida, no ano de 1350 *Tao-i-chin Lueh* descreve Timor como uma ilha que tem as riquezas de intercâmbio com a prata, ferro, chávenas, tecido e tafetás coloridos. Assim, no registo da Dinastia Ming Timor é registrado como uma ilha cheia de perfumes. Devido a isto, começaram a procurar o caminho para descobrir esta ilha com a esperança de ocupar e explorar seus recursos naturais (Belo, 2015, p. 74). E esta utopia externa realizada com o nome de descobrimentos, pode ser designada como uma esperança concreta, pois factível.

A partir de 1515 até 1975 (400 anos) a metade leste da ilha de Timor passou a ser conhecida como Timor-português, ou seja, como província-ultra-marina portuguesa. Na sequência ocorreu mais uma ocupação com a invasão Indonésia em 1975. O nome foi alterado para *Timor-Timur* – a 27ª província da Indonésia –, permanecendo assim durante 24 anos, de 1975 até 1999 (Durand, 2009; Boarccaech, 2013; Guterres, 2020).

Nestas ocupações, o povo timorense foi oprimido e sofreu, porque foi colonizado, invadido, ameaçado, castigado. E nestas situações violentas, apareceu uma esperança viva, que é a libertação, ou seja, a independência (*Ukunnrasik'an*). Assim, após vários séculos, apareceu um novo horizonte que ilumina essa esperança no ano de 1974, que segundo Lobato (2018, p. 136) “a madrugada de 25 de Abril abriu ao nosso povo um novo horizonte – um horizonte de esperança”. E essa esperança é a independência total ou a libertação total do povo timorense pelos invasores e colonizadores estrangeiros. Segundo Lobato a “independência total para o povo de Timor-Leste como a única solução política, justa e válida”. Assim, essa esperança tornou-se uma esperança concreta do povo de Timor-Leste no ano de 1999, que reconquistou essa ilha que passou a ser reconhecida como Timor-Leste independente “alicerçados ainda no ato referendário de 30 de agosto de 1999, que, concretizado sob os auspícios da Organização das Nações Unidas, confirmou a vontade autodeterminada de independência” (Vasconcelos, 2011, p. 12).

A esperança do presente é consagrada no preâmbulo da Constituição da República de Timor-Leste (CRDTL) que diz “Plenamente conscientes da necessidade de se erigir uma cultura democrática e institucional própria de um Estado de Direito onde o respeito pela Constituição, pelas leis e pelas instituições democraticamente eleitas sejam a sua base inquestionável”. Esta afirmação constitui uma realidade suspensa, que todo o povo considera como uma esperança, que exige sempre aos governantes que respeitem a constituição, demais leis e as instituições democraticamente eleitas, para que ela seja realizada de maneira plena. Além disso, há mais outras esperanças que o povo aguarda no tempo presente. Isto é, a construção, o desenvolvimento, o respeito pela vontade popular e a dignidade da pessoa humana. Porque, estes princípios fundamentais são como base do estado de Timor-Leste de proteger a liberdade, a legitimidade democrática e a humanidade do povo de Timor-Leste de viver livre, feliz e organizado.

No entanto, esta esperança é posta na vida do povo, porque o povo de Timor-Leste é “um povo que surge do desumano sistema colonial. Um povo que renasce das cinzas do esquecimento. Um povo que retoma a consciência de si mesmo” (Lobato, 2018, p. 235). Pois, o povo de Timor-Leste está reconstruindo com o seu próprio suor, com o seu próprio sangue uma Pátria Revolucionária e Democrática. Uma terra livre, para gente livre. Portanto, no tempo presente “o respeito da vontade popular e da dignidade da pessoa humana é idêntico com o respeito pelas leis e pela constituição, pois a constituição e as leis englobam-as” (Martins, 2021, p. 32). Mas, as vezes esta esperança não se realiza de maneira plena no tempo presente, porque houve alguns casos graves que violam as leis e a constituição pelos nossos governantes. No fim esta esperança popular misturou-se com o termo que apareceu neste país como, estado falhado, estado frágil. Seguiram-se crises (militar, económica, constitucional), que contribuíram para que a esperança do povo encontrasse a desesperança.

Na definição de Morus (2004) e Bloch (2004) o futuro é uma utopia que mais vale desejar do que esperar. E este desejo imanente está no sonho do povo de construir uma sociedade nova, ou seja para estes autores, o povo que está na escuridão deve ter a esperança de construir uma vida melhor num mundo melhor. Portanto, Timor-Leste depois que concretizou a sua independência, consagrou diretamente uma utopia que diz “tendo em vista a construção de um país justo e próspero e o desenvolvimento de uma sociedade solidária e fraterna” (Vasconcelos, 2011, p. 11). Neste sentido, o povo de Timor possui o outro carácter utópico, que é um país justo, próspero, solidário e fraterno. De acordo com Bloch este carácter é um objeto mais desejado pelo sujeito, que posta como uma possibilidade de alcançar. Mas, para se chegar a essa utopia, segundo Bloch o sujeito tem que se esforçar, trabalhar e lutar para o alcançar. Para se alcançar esta utopia devemos passar pela construção e pelo desenvolvimento. E estes dois meios devem realizar no tempo presente para nos direcionar à nossa utopia desejada no futuro.

Portanto, um país justo, próspero, solidário e fraterno serve como o ponto de chegada, porém, a construção e o desenvolvimento funcionam como o ponto de partida. Em suma, a esperança de Timor no tempo futuro depende do tempo presente, pois, o presente que projeta esta esperança para o futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto refletimos a imagem de Timor-Leste no passado, presente e futuro, podemos dizer que Timor-Leste foi uma realidade concreta pensada por outros, ou seja, como uma princesa bonita e rica, que os outros sonham, disputam e desejam de maneira utópica. Assim, Timor foi uma utopia que estimulou ‘outros’ com a esperança de descobrir um dia. E essas esperanças externas foram realizadas de maneira que resultaram na exploração, na colonização, na invasão e etc. A partir daí o povo de Timor-Leste perdeu a sua liberdade. Tornou-se um povo esquecido, explorado e castigado.

Mas, perante estes sofrimentos que o povo de Timor-Leste possui uma esperança desejada que manifestou no processo de descolonizar e democratizar direcionado para o desenvolver. Descolonizar e democratizar fazem parte do passado que constitui uma esperança concreta que é a “independência ou a libertação total” para o povo de Timor-Leste. E esta esperança foi concretizada no ano de 1999. Hoje vivemos no tempo presente que constitui uma esperança significativa, designada como “construção, desenvolvimento, o respeito pela vontade popular e a dignidade da pessoa humana”. Esta esperança é colocada no nosso horizonte neste tempo presente, mas serve como uma esperança suspensa, porque ainda não realizamos de maneira plena. Por isso, não é uma esperança concreta, mas uma esperança em processo ou projetada, funciona como o ponto de partida para chegar ao ponto de chegada que é a nossa utopia do futuro que diz “tendo em vista a construção de um país justo e próspero e o desenvolvimento de uma sociedade solidária e fraterna” (Lobato, 2018, p. 104).

Para alcançar essa esperança ou para chegar à essa utopia, Lobato (2018, p. 104) afirma “e também muito suor é preciso, muito trabalho e sacrifício sem conta nos esperam a toda hora”. Assim, clarificou ele, de que é preciso mais “esforço intelectual, esforço moral, esforço físico, esforço individual, esforço colectivo, esforço monetário, tudo isso será exigido a todos nós que somos o povo de Timor-Leste”. No entanto, devemos ter sempre a coragem de relembrar o passado para melhor construir o nosso futuro.

REFERÊNCIAS

- Abbagnano, N. (2007). *Dicionário de Filosofia*, Trad. Alfredo Bossi, 5ª Edição, São Paulo: Martins Fontes.
- Almino, J. (2004). Prefácio. In: T. Morus. *A Utopia*. Trad. Anah de Melo Franco, Brasília: UnB.
- Ayoub, C. A. (2003). *Confissões*, Liv. XI, Capítulo 15, 20, Trad. Cristiane Abbud Ayoub, Centro Universitário São Camilo.
- Belo, C. F. X. (2015). Lendas e narrativas da história da igreja em Timor-Leste. *Povos e Culturas*, (19), pp. 73-136.
- Bloch, E. (2004). *Il Principio Esperanza*, Vol I, Trad. Herderos de Felipe González Vicén, Editorial Trolla, S.A.
- Boarccaech, A. (2013). *A diferença entre os iguais*. São Paulo: Porto de ideias.
- Campanella, T. (2002). *A Cidade do Sol*. Edição Ridendo Castigat Mores, Fontes Digital.
- Durand, F. (2009). *História de Timor-Leste da Pre-História à Actualidade*, Trad. Português Daniel Lacerda e Carlos Semedo, Trad. Tetum Timor-Aid e Madalena Ximenes, Toulouse França.
- Guterres, E. A. (2020). *Politik Berdarah Timor-Leste*, 1ª Edição, CV. Jendela Sastra Indonesia Press, Gresik.
- Lobato, N. R. (2018). *Sabemos, e Podemos, e Devemos Vencer*. In M. G. da Silva Gusmão (Ed.), Centro Nacional Chega, IP, Díli.
- Martins, D. (2021). *A Virtude em Platão e a Sua Implicação no Estado de Direito Democrático de Timor-Leste* (Monografia), ISFIT-Fatumeta.
- Morus, T. (2004). *A Utopia*. Trad. Anah de Melo Franco, Brasília: UnB.
- Nunes, B. (2000). Introdução. In: *A República*, de Platão, Trad. Carlos Alberto Nunes, 3ª Edição, Belem, EDUFRA.
- Reale, G., & Antiseri, D. (2003). *História da Filosofia, vol. 2. Patrística e Escolástica*, Trad. Ivo Storniolo, 2ª Edição, São Paulo: Paulus.
- Reale, G., & Antiseri, D. (2004). *História da Filosofia, vol. 3. Do Humanismo a Descartes*, Trad. Ivo Storniolo, 2ª Edição, São Paulo: Paulus.

Vasconcelos, P. C. B. (Coord.). (2011). *Constituição Anotada da República Democrática de Timor-Leste*. Revisão: Ana Rita Silva. Colaboradores: Alexandre Corte-Real de Araújo, et al. Direitos Humanos - Centro de Investigação Interdisciplinar Escola de Direito da Universidade do Minho Campus de Gualtar, Braga.

Vieira, A. R. (2007). Princípio esperança e a “herança intacta do marxismo”. In Ernest Bloch, a obra teórica de Marx e o marxismo. *5º Colóquio Internacional Marx-Engels*. Novembro 2007. pp. 1-8.

Direitos Autorais (c) 2022 Nicolau Borromeu e David Martins



Este texto está protegido por uma licença [Creative Commons](#)

Você tem o direito de Compartilhar - copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato - e Adaptar o documento - remixar, transformar, e criar a partir do material - para qualquer fim, mesmo que comercial, desde que cumpra a condição de:

Atribuição: Você deve atribuir o devido crédito, fornecer um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer forma razoável, mas não de uma forma que sugira que o licenciante o apoia ou aprova o seu uso.

[Resumoda licença](#) [Textocompletodalicença](#)